

DOCUMENTÁRIO

OS FRANCESES NA GUANABARA. (Correspondência da França Antártica) (*).

Quem desejar fazer um juízo aproximado do que foi a tentativa de estabelecimento dos franceses no Rio de Janeiro em meados do século XVI, deve conhecer a situação existente na Europa e a mentalidade da época, mas sobretudo a literatura relacionada com o dito empreendimento. Projetam muita luz, a respeito, as **Singularidades da França Antártica** do franciscano André Thevet, e a sua **Cosmografia**, a **História de Uma Viagem Feita à Terra do Brasil**, de Jean de Lery, **Os mártires da Guanabara**, obra editada por Jean Crespin, mas cuja autoria pertence ao mesmo Lery (1). Além dessas, tudo quanto se escreveu na França, quer antes, quer depois de fracassada a empresa, tanto do lado calvinista como de parte de Villegagnon. Tôdas elas, contudo, externam algo do preconceito e do amargor resultantes da polêmica que se iniciou ainda em terras da Guanabara. Já assim não sucede com as cartas escritas daqui logo após a primeira e a segunda expedições. São de espírito bem diferente. Algumas pertencem a Nicolas Barré, protestante vindo com Villegagnon e elemento de sua confiança, as quais podem ser lidas na obra de Gaffarel sobre o Brasil (2); outras tiveram como autores o próprio fundador da França Antártica e os pastores calvinistas Pedro Richier e Guilherme Chartier. O Vice-almirante escreveu a Calvino pelo menos duas. Na primeira, pedia-lhe o envio de ministros religiosos e de artífices para o ajudarem na obra há pouco iniciada, con-

(*) — Este artigo é acompanhado por uma pequena nota do Prof. Yves Bruand sobre os documentos citados, assim como a transcrição dos mesmos (Nota da Redação).

(1) — André Thevet, *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amérique, et de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps*. Paris, 1557, e 1558. Col. Brasiliana, vol. 229. Trad. do Prof. Estêvão Pinto, 1944; *La Cosmographie Universelle*. Paris, 1575, em vols.; Jean de Lery, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*. La Rochelle, 1578. Existem desta obra as traduções de Araripe de Alencar, de Monteiro Lobato e de Sérgio Milliet. Esta última, sobretudo, é muito boa. Jean Crespin: existe uma tradução da parte referente ao Brasil, sob o título *A Tragédia da Guanabara ou História dos Protomartyres do Christianismo no Brasil*, feita por Domingos Ribeiro, e publicada no Rio de Janeiro em 1947.

(2) — Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil français au XVIe. siècle*. Paris, 1878.

forme esclarece Léry (3); a outra, escreveu-a para agradecer o atendimento a êsse pedido e informá-lo do que aqui se passava, e que, por gentileza da Biblioteca de Genebra, agora oferecemos aos leitores da **Revista de História**, e bem assim a de Richier e seu colega, ao grande mentor da Reforma na Suíça e França, cujo manuscrito também pertence àquêle arquivo. Ambas foram-lhe remetidas em abril de 1557 pelo navio **Rosée**, tendo como portador um amigo íntimo de Calvino, chamado Nicolau Carneau (4). O pastor Richier mandou mais uma a certo amigo, hoje conservada nas **Opera Calvini**, letre n.º 2609.

E' curioso observar o espírito revelado pelo fundador da França Antártica em sua missiva. Os componentes da segunda expedição tinham chegado no dia 7 de março, e a 31, véspera da partida do **Rosée**, êle a redige. Conta haver recebido carta de Calvino, que muito bem lhe causou, sendo também tão salutares os conselhos que lhe dava, que resolveu lê-la perante o Senado, recém-criado, e registrá-la em ata, a fim de sempre relembra-rem as recomendações dadas. Mas a alegria foi ainda maior devido à presença dos huguenotes, aos quais chama "irmãos". Êle, que até aí, vinha desempenhando funções eclesiásticas, juntamente com as do estabelecimento da colônia, deu graças porque os referidos o libertariam dessa árdua tarefa. Confiou-a, por conseguinte, aos ministros protestantes. Além disso, dispunha, agora, de um grupo de homens em cujas mãos podia depositar a sua vida com segurança. Nêles acharia apóio sempre que necessário. Léry e os pastores dizem mais ou menos a mesma coisa.

Vilegagnon, embora cavaleiro da Ordem de Malta, andara metido numa série de acontecimentos históricos e pouco ligara para a religião como religião. Mas antes de vir à América parece ter sido bafejado pelo sôpro das idéias da Reforma. O certo é que nesta ocasião revela-se homem piedoso e vê na prática da religião um meio valiosíssimo para desviar os companheiros dos maus vícios e costumes dos indígenas, e manter a paz dentro da ilha.

Por mais de uma vez declara que seu objetivo é o de realisar obra divina, fazendo o que é do agrado de Cristo, ou colaborando para incrementar o Reino de Deus. Se essas declarações forem equivalentes às mencionadas por Léry, então

(3). — Léry, op. cit. Trad. de Monteiro Lobato. Editôra Nacional. 1926, pág. 3.

(4). — *Ibidem*, pág. 49. Veja-se, outrossim, a carta de Richier e Chartier.

elas se tornarão sinônimas de adesão à Igreja Reformada (5), como bem transparece de suas atitudes iniciais. Tal sentimento o alentava a prosseguir em face de tantas dificuldades e das mais diversas naturezas.

A raiz de todo o mal estava nos elementos que recrutara na França, conforme suas próprias declarações. Ao lado de gente boa, que o acompanhara por amizade, trouxe mercenários e uma porção de encarcerados da cidade de Ruão. Muitos dêles não possuíam idealismo e nem espírito de sacrifício e, por isso, lastimavam-se tanto quanto os hebreus tirados do cativoiro no Egito, por penarem no deserto (6). Alguns dos mais íntimos chegaram a arrepiar carreira. Que poderia, pois, esperar dos indígenas, que eram gente selvagem, sem religião, sem noção de honra e de virtude, mais parecida a “feras revestidas de aparência humana”? Conceito já mais ou menos generalizado na Europa sôbre os naturais do continente americano. Urgia, portanto, acautelar-se contra êles e adiantar as obras e também armazenar provisões, enquanto os navios aí se encontravam. Não os apanhassem desprevenidos, igualmente, os portugueses.

Tanto o Vice-almirante como Lery são acordes em testemunhar a presença de lusos na região (7). Poucos, certamente, mas causavam sérias preocupações a Villegagnon, porque, segundo escreve na carta

“êstes, apesar de não terem podido proteger a região em que nos instalamos, suportam muito mal a nossa intromissão aqui e nos perseguem com ódio insano”.

Viviam aí também uns tantos normandos, vítimas de um naufrágio sucedido anteriormente à chegada dos franceses. Alguns estavam amaziados com mulheres indígenas e já com filhos de quatro para cinco anos, quando os viu o cronista gaulês. Dois daqueles, e por sinal, intérpretes, vieram a casar-se com duas das jovens que se passaram ao Brasil na segunda expedição (8). Teriam permanecido no Rio de Janeiro?

Em determinado trecho da carta, refere-se Villegagnon a certos amigos na mãe-pátria, aos quais prometera fazer o máximo para estabelecer em solo do Brasil o Reino de Cristo, e

(5). — Léry, *op. cit.*, págs. 41 a 49.

(6). — Livro do Êxodo, capítulos 16, vs. 1 a 3, e 17, vs. 1 e 4.

(7). — Léry, *op. cit.*, pág. 3.

(8). — Léry, *op. cit.*, pág. 50.

houvesse o que fôsse, não voltaria atrás. Quem seriam? As conjecturas nos levam a pensar no Almirante Coligny e no Cardeal de Lorena, visto serem os que deram apôio ao empreendimento. Mas como entender tal duplicidade de colaboração, sendo os dois de organizações religiosas rivais? Prometera êle, de fato, ao primeiro estabelecer aqui um asilo para os perseguidos por motivo da fé? Ocultaria ao Cardeal o seu intento? E' muito difícil sabê-lo.

Ta lincónnita não existe quanto às razões porque Villegagnon preferiu estabelecer-se na ilha de Serigipe, mudado o nome depois para Colligny, em homenagem ao Almirante. Léry diz que o local escolhido fôra no continente, junto ao penedo cognominado Ratier, mas após o desembarque da alfaias e artilharia, o mar os compeliu a procurar melhor abrigo. Outros motivos concorreram ainda a favor da ilha. Ela oferecia segurança contra os inimigos e isolava os homens do contacto com os naturais (9). Mesmo assim um de seus homens amancebrou-se com uma índia. Castigou-o pela desobediência, com o que promoveu uma conspiração contra si, Villegagnon. Porém denunciada a tempo, foram condenados os principais: o cabeça foi enforcado, dois outros submetidos a trabalhos em algemas, e aos restantes perdeu, a fim de que os serviços não sofressem maiores prejuízos. Então a vigilância e o zêlo da parte dêle precisaram multiplicar-se. Tal a situação reinante antes da chegada dos calvinistas, de modo que a animadversão os havia precedido no Forte de Colligny. Isso explica também porque os recebera tão bondosamente.

Além de contar agora com o apôio dêstes recém-vindos, Villegagnon entregara a um Conselho, ou Senado, grande soma de sua autoridade. Escolhera dez homens dos melhores para que deliberassem acêrca dos problemas que surgissem no seio da comunidade. Reservou para si apenas o direito de última instância; isto é, quando alguém lhe solicitasse a graça do perdão por falta grave praticada. Estava longe de ser um corpo representativo, como no caso das câmaras já instaladas em certas vilas do Brasil, mas não deixa de ser interessante. As suas Atas revelariam detalhes valiosos.

Por fim Villegagnon dirige-se ao destinatário desejando-lhe e aos colegas em Genebra, longos anos de vida e bênçãos divinas sôbre todos, para continuarem sendo úteis à Igreja de Deus. Recomenda-se a alguns "fiéis irmãos", e notadamen-

(9). — *Ibidem*, pág. 63.

te a Renata da França, da alta nobreza, residente em Ferrara com seu marido o duque Hércules d'Este, a qual aderira à Reforma e era grande amiga de Calvino. E para com êste último declara-se o Vice-almirante

“amicíssimo, muito afeiçoado e de todo o coração”.

Donde se conclui sua simpatia, pelo menos, para com êses elementos, senão também para com a Igreja Reformada.

Quanto à carta dos dois pastores calvinistas, convém nos determos em algumas considerações. A primeira é de caráter teológico. Os autores, inspirando-se nos ensinamentos do apóstolo São Paulo, escrevem que todos quantos estão unidos em Cristo pertencem à mesma família, e formam um só corpo, do qual o Senhor Jesus é a cabeça. E por isso, ainda que separados geograficamente, em espírito estão presentes com aquêles que deixaram no Velho Mundo. O interesse mútuo permanece e faz com que o amor cresça cada dia (10).

Dizem êles estarem alegres, apesar dos perigos da viagem e dos embaraços que lhes tinham preparado na França os inimigos de Cristo, gente de costumes condenáveis, blasfemos, que se recusavam a conhecer a palavra de Deus. Evidência, sem dúvida, da reação contra o Protestantismo e contra a obra que vinham realizar na América. Mas, de outro lado, mesmo na Gália, foram alvos da simpatia de muitos, os quais lhes ofertaram recursos para a aquisição de livros, ou de vestimentas, ou ainda para cobrir os gastos da viagem. Em tudo Deus lhes manifestara a Sua clemência.

Outra coisa que os consolara sobremaneira foi ver reunida a igreja em Paris, denominada Lutécia, a cidade da luz. Bem profetizara Davi que o reino de Cristo seria estável no meio de Seus inimigos. Trinta anos de contínua perseguição não tinham conseguido extinguir a religião reformada, por mais severas que fôsem as medidas adotadas. O Estado, em virtude da concordata com a Igreja Católica, em 1516, lançou forças e recursos contra seus súditos protestantes, mas a proibição da literatura dêles e das reuniões, a criação de tribunais especiais, as condenações, pouco adiantaram. E assim, na casa do fidalgo La Ferrière, organizava-se em Paris a primeira igreja. No interior existiam muitas congregações, de modo

(10). — São Paulo aos Coríntios, Epístola I, cap. 12, vs. 11 e segs.

que, em 1559, seria essa magna cidade a sede do primeiro Sínodo Nacional do Protestantismo (11).

De Lutécia prosseguiram até ao pôrto de Honfleur, onde chegaram a 19 de novembro, e daí à França Antártica, quando desembarcaram a 7 de março na ilha de Colligny. Os detalhes de tôda a viagem, a principiari de Genebra podem ser lidos na obra de Jean de Léry.

Chamaria a atenção particularmente para as considerações que tecem sôbre Villegagnon. Atribuem-lhe a iniciativa e a promoção do trabalho religioso, dirigido pessoalmente por êle até ao momento em que o entregou aos pastores. Recebeu a missão calvinista de braços abertos, e a todos tratava paternalmente. Quando se congregavam para o culto, irmanava-se com os mesmos nos propósitos, nos sentimentos e nas idéias. Como êles crê que a pessoa torna-se fiel por obra do Espírito Santo, que Cristo é o único mediador, que as Escrituras são a regra de fé e de vida e estão acima dos dogmas e dos ensinoss de qualquer cristão, mesmo dos antigos doutores da Igreja. Quando pela primeira vez a Santa Ceia foi ministrada, tomou-a juntamente com os seus familiares, e mais do que isto: fêz a sua pública profissão de fé e prometeu empenhar-se como também aos seus bens na propagação do nome de Deus. Até aí tudo caminha em paz, havendo harmonia de parte a parte. O Vice-almirante aprova a atuação daqueles que, por sua vez, só encheram em Villegagnon motivos para apreciação.

Porém, à luz dos futuros acontecimentos, sabe-se que a situação se modificou profundamente. Villegagnon muda de idéias e de atitudes. Que teria acontecido? Parece que Jean Cointa, acadêmico da Sorbona, enciumado com a posição dos pastores, ou pôsto sob quarentena por êles, por não confiarem na integridade de suas doutrinas, tenha sido o pomo da discórdia, arrastando, por fim, ao seu chefe para o seu lado. Mas Léry acrescenta outra razão: propalava-se que Villegagnon recebera cartas do Cardeal de Lorena, exortando-o quanto ao seu modo de proceder para com o Protestantismo (12).

Calvino desfruta, então, segundo a carta, de excepcionais vantagens em Eleutheropolis, a cidade da liberdade, ou seja, Genebra. A História o confirma. Depois de um período de cêrca de dois annos ali, mal compreendido pelas autoridades e

(11). — E. G. Léonard, *Histoire Générale Du Protestantisme*. Vol. II, págs. 82 e segs. Les Presses Universitaires de France. Paris, 1961.

(12). — Léry, *op. cit.*, págs. 54 e 55.

muitos do povo, necessitou retirar-se da cidade, indo para Strasburgo. Tinham recusado apóio à nova vida que desejava imprimir. Mas na sua ausência o mal cresceu assustadoramente. Reconhecem então que êle é o homem que pode sanar o problema, e convidam-no a regressar. Insistem. Todavia aceita voltar desde que lhe dêm mão forte. E assim, em setembro de 1541 entra festivamente em Genebra. Lutou ainda durante uns dez anos para restabelecer a ordem e implantar a Reforma; precisou de agir com firmeza, mas venceu. A cidade converteu-se na Roma do Protestantismo. A fama de Calvino projetou-se por tôda a Europa. Sua influência excedeu aos poucos a de Lutero. Foi, por conseguinte, no áuge de sua carreira, que se efetuou a vinda dos huguenotes ao Rio de Janeiro (13).

Convém esclarecer que o número de Protestantes foi bastante reduzido. Somando os que vieram nas duas expedições, o total é de vinte, mais ou menos. Na segunda, somente catorze, dos quais apenas dois eram ministros, e os restantes eram artífices, ainda que bem versados nas Escrituras. Afirmativas como as que se segue têm pouco pêso histórico:

“Pouco tempo depois chegava também a noticia de que ficavam muitos da mesma nação estabelecidos em uma ilha à bôca da enseada do Rio de Janeiro, com a circunstância de não serem católicos, como até então, porém, sim herejes da seita de Calvino. Era já a noticia da emprêsa de Nicolau Durand de Villegaignon” (14).

Conforme julgavam os portugêses.

Nem o envio por Genebra dêsse grupo de calvinistas constitua obra missionária. O Protestantismo achava-se preocupado com a situação religiosa na Europa, e de modo algum pensava em tal coisa. Consta, sim, por informações de Léry, que o líder genebrino e seus colegas tencionavam estabelecer nas plagas do Rio de Janeiro, ao que parece, uma colônia composta com elementos de sua escôlha, tendo, para tanto, solicitado ao capitão do navio Jacques Fariban de Rouen, escolhesse o lugar adequâdo. Se o plano veio a baixo, a culpa cabia ao procedimento de Villegaignon (15).

(13). — E. G. Léonard, *op. cit.*, vol. I, págs. 292 e segs.

(14). — A. Varnhagen, *História do Brasil*. 5a. edição, vol. III, pág. 335.

(15). — Léry, *op. cit.*, pág. 223.

(16). — É útil ainda, embora já superada, a obra de Manuel Tomás Alves Nogueira, *Villegaignon*. Biblioteca Brasileira de Cultura, n.º II. Espasa. Rio de Janeiro, 1944.

Os pastores encerram a carta datando-a da Gália Antártica, ao passo que o Vice-almirante empregou a expressão França Antártica. Talvez a designação ainda não estivesse definida, mas é admissível que a denominação dada pelo fundador seja a certa. O nome é pomposo para núcleo tão modesto, mas encobria uma grande esperança: fazer dêle uma nova mãe-pátria, que, porém, se desvaneceu.

JOSE' GONÇALVES SALVADOR

Professor de História da Faculdade de Teologia da
Igreja Metodista do Brasil, em São Paulo.

*

* *

**DOCUMENTOS SÓBRE OS FRANCESES
NA GUANABARA.**

Apresentação dos documentos. — Problemas cronológicos.

Os documentos que agora publicamos não são inéditos; as duas cartas apareceram em língua original nas obras completas de Calvino, editadas no século passado (1).

E' preciso também insistir sôbre o fato de que um desses documentos, a carta de Villegagnon a Calvino, já tinha sido publicada em tradução francesa por Jean de Léry em 1578, na introdução do livro que êle escreveu sôbre a sua viagem ao Brasil (2). Existe mesmo uma tradução desta carta para o português, feita por Sérgio Milliet, quando êste deu uma edição brasileira da obra de Léry (3).

O conteúdo dessas duas cartas, cujos originais se encontram na Biblioteca de Genebra (4), está longe de ser desco-

- (1). — Calvin, Jean. *Joannis Calvini opera quae supersunt omnia...* Brunswick, Schweschtke, 1863-1900, 59 tomos em 58 vols. (Corpus reformatorum, vol. XXIX-LXXXVII). Com efeito os volumes dizendo respeito à correspondência não contém unicamente as cartas de Calvino, mas também as cartas endereçadas a Calvino. A carta de Villegagnon traz o n.º 2612 nesta edição e a carta de Chartier e Richier o n.º 2613.
- (2). — Léry, Jean de, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique...* La Rochelle, Pour Antoine Chuppin, 1578. Outras edições em 1580, 1585, 1594, 1599, 1611, reedição moderna com notícia biográfica e notas por Paul Gaffarel. (Paris, Lemerre, 1870, 2 vols.), utilizada por Sérgio Milliet na tradução portuguesa da obra (cf. nota seguinte).
- (3). — Viagem à terra do Brasil, tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo, 1941, (vol. VII da Biblioteca Histórica Brasileira).
- (4). — Manuscritos latinos, n.º 110 (vol. sem paginação).

nhecido. Todos os historiadores que trataram da expedição de Villegagnon ao Brasil utilizaram pelo menos a carta de Villegagnon a Calvino e muitas vêzes citaram também a carta dos pastores Chartier e Richier (5).

Apesar disso, o acesso a essa documentação que diz respeito a um episódio importante da história do Brasil é ainda difícil para os historiadores brasileiros, que não podem encontrar a edição das obras de Calvino citada no comêço deste artigo. Pois é quase impossível para êles ter conhecimento do texto completo da carta dos pastores; quanto à carta de Villegagnon a Calvino, ela é conhecida apenas pela tradução francesa de Léry, aliás nem sempre perfeitamente fiel, ou pela tradução portuguêsã de Sérgio Milliet feita sôbre a tradução francesa e não sôbre o texto original latino. Portanto, pareceu-nos que seria muito útil publicar outra vez essas cartas, colocando à disposição dos historiadores brasileiros uma documentação completa, constituída pela reprodução em **fac-símile** dos documentos originais, uma transcrição dos mesmos na língua original e uma tradução para o português do texto latino.

Todavia, antes de tudo, cabe-nos levantar um pequeno problema de cronologia, que parece ter passado completamente despercebido até hoje. Com efeito, a carta de Villegagnon é datada de 31 de março de 1557 (**pridie Calendas Aprilis, 1557**), ao passo que a carta dos pastores traz a data de 1.º de abril de 1556 (**Calendis Aprilis**). Ora, é evidente que as duas cartas foram escritas no mesmo tempo. Villegagnon anuncia a Calvino a feliz chegada da expedição chefiada por Philippe de Corquilleray e agradece a vinda dos reforços calvinistas e principalmente dos pastores Chartier e Richier; êsses últimos, por sua vez, dão a Calvino notícias da viagem que fizeram e do estado em que encontraram a pequena colônia dirigida pelo almirante francês. Aliás, sabemos pela narração pormenorizada de Jean de Léry (6) que a chegada dos genebre-

(5). — Gaffarel, Paul, *Histoire du Brésil français au XVIIe. siècle*. Paris, Maisonneuve et Cie., 1878, pág. 242. Julien, Charles-André, *Les voyages de découverte et les premiers établissements (XVe.-XVIIe. siècles)*. Paris, P.U.F. 2, 1948, págs. 194-198. Reverdin, Olivier, *Quatorze calvinistes chez les Topinambous. Histoire d'une mission genevoise au Brésil (1556-1558)*. Genève, Droz, 1957, passim. Calmon, Pedro, *História do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, vol. I, pág. 271. *História geral da civilização brasileira*, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, Difusão Européia do Livro, vol. I, 1960, págs. 148-158.

(6). — Jean de Léry, *op. cit.*, cap. VI (págs. 76-92 da tradução portuguêsã).

ses se deu no dia 7 de março de 1557, tendo êsses saído de Genebra no dia 16 de setembro de 1556 e de Honfleur no dia 19 de novembro do mesmo ano. Não há dúvida, pois, de que precisamos corrigir a data de 1556 indicada na carta dos pastores, mas é evidente que não se trata de um erro de milésimo dos autores da carta. Com efeito êsses utilizavam o estilo da Páscoa, usado na França até 1563 quando foi suprimido por um édito de Carlos IX, que fixou o comêço do ano no dia 1.º de janeiro a partir de 1564. Antes o ano oficial só começava, na França, com o dia da Páscoa, isto é, o dia 18 de abril para o ano 1557 (7).

Mas é curioso notar que Villegagnon, ao contrário, já usava o estilo da circuncisão hoje universalmente utilizado, porque assim êle datou a carta de 1557. Isso mostra que o estilo da Páscoa, apesar de ser ainda oficial na França na década de 1550-1560, já tinha deixado de ser utilizado por muitos particulares. Muitas vêzes mesmo, a mesma pessoa utilizava indiferentemente os dois estilos: foi o caso de Nicolas Barré, companheiro de Villegagnon. Êste mandou da Guanabara, na França, duas cartas (8): a primeira é datada de 1.º de fevereiro de 1555 (na verdade 1556, nôvo estilo, porque a expedição só saiu da França no dia 12 de julho de 1555), recebida no dia 23 de julho de 1556, conforme indicação escrita no fim da mesma, isto é, quase seis meses depois e não um ano e meio como poderia acreditar um observador superficial; a segunda, datada de 25 do maio de 1556 narra a conspiração que se armou contra Villegagnon em fevereiro de 1556, indicando êste milésimo e não o de 1555 que deveria ter figurado para o mês de fevereiro, se êle tivesse conservado o estilo da Páscoa usado na primeira carta.

Parece-nos então necessário chamar a atenção dos historiadores sôbre as dificuldades que podem ser encontradas para determinar o milésimo dum documento isolado seiscentista de origem francesa, quando traz uma data anterior à data da Páscoa do ano indicado ou do ano seguinte; na falta de elementos complementares como no caso dos documentos citados, pode ser extremamente difícil ou mesmo impossível determinar se se precisa ou não fazer a correção e acrescentar

(7). — Cf. Giry, Arthur, *Manuel de Diplomatique*. Paris, 1893, t. I, pág. 203.

(8). — Publicadas por Gaffarel, *Histoire du Brésil français au XVIIe. siècle*. Paris, 1878, págs. 373-385.

uma unidade ao milésimo indicado. Em todo caso, precisa não esquecer-se que essa simples operação pode às vezes permitir a resolução de problemas cronológicos que, sem êle, poderiam aparecer como insolúveis.

YVES BRUAND

Professor de Metodologia Histórica e Paleografia da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

*

* *

1557, 31 de março.

Carta de Villegagnon a Calvino para agradecer a vinda dos pastores Chartier e Richier e contar a êste os acontecimentos que se passaram na colônia estabelecida por êle na baía da Guanabara.

Exprimi non posse puto, qua me affecerint gaudio tuae litterae, et // qui ad me una venere fratres: huc me redactum invenerunt, ut mihi // magistratus gerendus esset et munus ecclesiaticum subeundum. // Quae mihi res maximam anxietatem obtulerat: Ozias ab hac // vitae ratione me adverterat. Sed praestandum erat, ne operarii // nostri, quos mercede traduxeram, gentis adducti consuetudine, // ejus se vitiis contaminarent, aut religionis dessuetudine in // ἀπόσσωσιν devolventur. Quam mihi sollicitudinem ademit fratrum // adventus. Adjecit hoc etiam commodi: quod si qua ex causa // posthac erit nobis laborandum, aut periculum incurrendum, non // derunt, qui sint mihi solatio, et me consilio juvent. Cujus // rei facultatem, abstulerat periculi nostri suspitio. Qui enim fratres // mecum e Francia trajecierant rerum nostrarum iniquitate // permoti, alius alia causa illata, Egipsum repetiverant. // Qui fuerunt reliqui, homines egenes, mercede conducti, quos // pro tempore nancisci potueram: eorum hac erat conditio ut ab // eis mihi potius esset metuendum, quam petendum solatium. // Haec autem hujus rei causa est. Ubi appulimus, simul omnis // generis se nobis opposuere difficultates, ut vix inirem rationem // quid potissimum esset agendum. Regio erat incultissima: nulla // erant tecta; rei frumentariae nulla copia. Sed aderant homines // feri, ab omni cultu et humanitate alieni, moribus et disciplina penitus a nobis discrepantes: sine religione, honoris, virtutis, // recti aut iniusti nulla notitia, ut me subiret dubitatio, // an in Bestias humana specie praeditas incidissemus. Contra // haec

incommoda, erat summo studio et celeritate nobis prospiciendum et comparandum remedium, dum naves ad reditum instruebantur, // ne eo subsidio destitutos, indigenae rerum nostrarum cupiditate // capti, nos imparatos opprimerent, et interficerent. Huc quoque // accedebat Lusitanorum infida vicinitas: qui etsi quam incolimus regionem, tueri non potuerunt, huc nostra esse intro- // -missos ferunt egerrime, et insano odio prosequuntur. Eam ob rem // uno tempore, haec omnia se nobis agenda proponebant: receptui // nostro locus deligendus, expurgandus, et complanandus; munitiones // circumducendae, propugnacula excitanda, tecta ad impedimentorum // custodiam extruenda, materia conquirenda, et adverso colle, // locis impeditissimis, humeris ob bestiarum penuriam comportanda. // Praeterea, quo indigenae in diem vivant, et agriculturae // non studeant, nullo certo loco, cibaria congesta reperiebamus: // sed erat victus noster et longinquo carptim petendus. Qua ex // re, manum nostram (quantulacumque esset) distineri oportebat, et // minui. His adducti difficultatibus, qui me amicitiae causa // sequuti fuerant, rebus nostris diffisi, (ut supra demonstravimus) // pedem retulerunt. Ego quoque non nihil oom motus sum, sed cum // mecum reputarem, amicis affirmasse me, hac ratione e // Francia movere; ut quam curam prius rebus humanis impenderam, // ejus studii comperta vanitate, regno Christi // excolendo adhiberem, indicavi me in voces et hominum reprehensionem, et nomini meo injuriam facturum, si // labor aut periculi opinio a coepto me deterreret. Praeterea // cum Christi negotium gerendum esset, credidi, hunc mihi non // defuturum: sed ad foelicem exitum perducturum. Ergo me confirmavi // vimque omnem ingenii nitendi in rationem ejus rei perficiendae, quam // summa vitae meae devotione susceperam. Hac autem via id assequi // me posse existimavi, si vitae integritate hoc meum propositum // comprobarem, et quam operariorum manum traduxeram, ab // infidelium consortio, et familiaritate, averterem; im eam sententiam // animo meo inclinato, non sine Dei providentia factum esse visum est, // ut in haec negotia involveremur. Sed ideo accidisse, ne otio corrupti, // libidini et lasciviae operam daremus. Praeterea succurrit, nihil // esse tam arduum, quin conando superari possit. Proinde ab animi // fortitudine petendum esse auxilium, et continenti labore familiam exercendam, huic nostro studio Dei beneficentiam non // defuturam. Itaque [in insulam] duobus millibus passuum a continenti remotam // transmissimus. Ibiq; domicilio nostro locum delegi, ut adempta fugae // facultate, manum nostram in officio continerem. Et quod foeminae sine viris

suis non essent, ad nos commeaturae, delin- // quendi
occasionem praeriperem. Accidit tamen ut e mercenariis
// 26 voluptatis illecti cupiditate, in meam vitam conspi-
raverint. // Sed die constituta consilio exequendo, res
mihi per unum ex consciis // enunciata, eo ipso momen-
to, quo ad me opprimendum armati // admaturabant.
Hoc modo periculum effugimus. Quinque e // meis do-
mesticis ad arma convocavi, et adversum ire cepi: // tum
tantus conjuratis incessit terror, tantaque perturbatio, ut
// nullo negotio facinoris autores quatuor, qui mihi fue-
rant // designati, corripuerimus, et in vincula conjice-
rimus. Eo casu // reliqui consternati, positis armis deli-
cuerunt. Postridie unum cathenis exolvimus, ut causam
suam diceret liberius, sed effuso cursu in mare se pre-
cipitem egit, et suffocavit. Reliqui ut e vinculis // causam
[sic] dicerent adducti, sine quaestione, ultro expo-
suerunt, quae per indicem comperta habuimus. Unus ex
ipsis paulo ante a me castigatus, // quod se scorto conjun-
xisset, iniquiore esse mente cognitus est, et // ab se con-
juratonis initium factum esse, atque patrem numeribus
// devinxisse, ut eum e nostra potestate eriperet, si scor-
ti copula[m] prohi- // bere contenderam; hic suspensio
sceleris poenas luit; duobus reliquis delicti // gratiam
fecimus, ita tamen ut in cathenis terram exercerent; in
aliis // quid esset peccati // exquirendum esse mihi non
putavi, ne compertum // scelus inultum omitterem; aut si
supplicio castigare vellem, cum // facinus ad multitudi-
nem pertineret, non superessent qui opus a nobis // ins-
titutum perficerent. Itaque dissimulata animi mei offen-
sione // peccatum condonavimus, et animo bono esse jussi-
mus: non ita tamen a sollicitudine nos abduximus, quin
quid in uno quoque esset // animi, ex studio curaque sua
quotidiana diligentissime venaremur. // Et cum labori
eorum non parcerem, sed assidua mea praesentia // ad
opus eos urgerem, non solum pravis consiliis viam prae-
censimus // sed brevi tempore insulam nostram munitio-
nibus et validissimis // propugnaculis sepivimus. Interim
pro ingenii mei captu, eos movere // et a vitii deterrere
nos desistebam, atque mentes eorum Christiana // im-
buere religione, indictis a me mane et vespere publicis et
quo- // tidianis precibus, qua cautione, et diligentia, reli-
quam anni partem // quietiores habimus.

Caeterum eam quam exposuimus curam, nobis // ade-
mit navium nostrarum adventus. Hinc enim nactus sum
viros, // a quibus non solum mihi sit minime cavendum,
sed quibus // salutem meam tuto possim committere. Hac
oblata mihi facultate, decem // ex omni copia delegi, apud
quos imperii nostri potestatem deposui, // decernens ut
nullae res posthac nisi consilio gerantur. Adeo si quid //

in quemquam durius statuerem, nisi consilii autoritas et consensus // accederet, infernum esset et inane. Hoc tamen mihi reservavi //, ut lata sententia ,supplicum veniam dare mihi liceat; sic (sic) omnibus // prodesse, nemini nocere possum. Hae demum sunt artes, quibus // dignitatem nostram retinere, tueri et propagare constitui. Ad dam // consilium quod litteris tuis adhibuisti: summa animi contentione // operam daturus, ut me vel tantillum ab eo deflectamus. Hoc enim // certe, nec sanctius, nec rectius, nec sanius velum esse, persuasum // habeo. Quam ob rem etiam tuas literas in senatu nostro legendas // deinde in acta transcrivendas curavimus, ut si quando a cursu // aberrare contingerit, earum lectio ab errore revocet. Quominus // noster Jesus Christus, ab omni malo, et osque collegas protegat: // spiritu suo vos confirmet, vitamque vestram ad opus Ecclesiae suae // quam longissime producat. Fratribus meis charissimis Cephae // et de La Fleche fidelibus, plurimam salutem meis verbis velim // impertias. Collignio e Francia Antartica prid. cal. April. 1557.

Si ad Renatam Franciae Heram nostram, quicquam literarum // dederis, hanc quaeso meo nomine diligentissime salutem.

Qui amantissimus, cupidissimus et de animo.

Nicolas Villegagnon.

*

Carta de Villegagnon a Calvino.

1557, 31 de Março.

Penso não poder expressar quanto me encheram de alegria a tua carta, e os irmãos que vieram até mim juntos com ela: encontraram-me aqui ocupado no exercício da minha magistratura e no encargo das funções eclesiásticas. Estas me proporcionaram a maior ansiedade: Ozias tinha chamado a minha atenção para esta prova da vida. Porém precisava cuidar que os nossos obreiros que foram trazidos para cá com a perspectiva de lucro, induzidos pelos costumes dos nativos não se contaminassem com os vícios desta gente, ou viessem a cair na apostasia por falta da prática dos exercícios religiosos. A chegada dos irmãos retirou de mim essa ansiedade. Acrescento ainda o interesse seguinte: se nós devemos no futuro ser incomodados por este motivo ou ser ameaçados por um perigo qualquer, os ditos irmãos não deixarão de ser para mim um apóio e de ajudar-me com seus conselhos. A suspeita dos perigos em que vivíamos tinham-me tirado a possibilidade de uma confiança desta espécie. Estes ir-

mãos que vieram comigo da França abalados pela iniquidade de nossa sorte, repetiram *mutatis mutandis* a experiência do Egito. Os homens que foram deixados aqui eram indigentes, guiados pela cobiça, os quais tinham sido os que conseguira encontrar na ocasião: a condição dêles era tal que eu devia temê-los mais do que esperar consolação de parte dos mesmos. Aqui está a causa deste fato: quando aportamos, dificuldades de tôda a espécie levantaram-se à nossa frente no justo instante em que pensava nas coisas mais importantes que devíamos fazer. O país era completamente inculto, sem casas, sem nenhuma fonte de cereais. Só havia gente selvagem, afastados de tôda cultura e humanidade; diferenciados de nós pelos costumes e regras de vida, sem religião, sem conhecimento nenhum do que seja a honra, a virtude, incapazes de distinguir o justo do injusto, tanto que me veio a dúvida se tínhamos encontrado feras revestidas de aparência humana. Contra essas dificuldades inconvenientes, precisávamos procurar e encontrar um remédio com a máxima dedicação e presteza, enquanto os navios se preparavam para o regresso, a fim de que os indígenas atraídos pela cupidez das nossas coisas, não nos pegassem desprovidos do recurso da frota, sem preparo, e nos matassem. A isto se acrescentava a proximidade desleal dos portugueses. Com efeito, êstes, apesar de não terem podido proteger a região em que nos instalamos, suportam muito mal a nossa intromissão aqui e nos perseguem com ódio insano. Por causa disso devíamos resolver todos os problemas a um só tempo: era mister escolher um lugar para abrigar-nos, fazer derrubadas e terraplanagens, e conduzir munições para lá, construir fortificações, abrigos para guardar os mantimentos, reunir material, e transportar tudo nos ombros por falta de animais de carga, subindo uma ladeira e atravessando lugares impraticáveis. Outrossim, porque os indígenas viviam dia após dia sem aplicar-se na agricultura, em nenhum lugar encontrávamos reservas de víveres: ao contrário, devíamos buscar, colhendo aqui e ali, em lugares longínquos. Por isso precisava repartir o nosso grupo (apesar de ser pequeno como era) e reduzi-lo. Em consequência dessas dificuldades, aquêles que me haviam acompanhado por amizade, desconfiaram de nossa situação e arripiaram carreira (como referimos anteriormente). Eu também fiquei bastante impressionado, mas refleti no que afirmara aos amigos: partira da França a fim de aplicar no cultivo do reino de Cristo o cuidado que antes tinha votado às coisas humanas, depois de descobrir a vaidade de uma dedicação dêsse tipo. Com isso eu me expunha às críticas e às repreensões dos

meus homens e sujeitava meu nome às injúrias se me desviasse do empreendimento por causa do trabalho ou da opinião que existia perigo. Outrossim como se trata de uma ação a favor de Cristo, tive a convicção que este nunca me faltaria, e que, além disso, levaria o negócio a conclusão feliz. Portanto recobrei ânimo e apliquei todo o poder do meu espirito no esforço de levar a cabo esta causa que empreendera dedicando-lhe o máximo da minha vida. Assim estimei que podia alcançar este objetivo, se pela integridade da vida comprovasse o meu propósito, e se afastasse esta tropa de obreiros que trouxe, do convívio e da familiaridade dos infiéis; tendo o meu ânimo inclinado neste sentido, pareceu-me que foi a providência de Deus que nos fez envolver-nos em tal negócio. Ao contrário isso tinha acontecido para que nós não fôssemos corrompidos pelo ócio e não nos abandonássemos ao prazer e à lascívia. Veio também ajudar-me [a idéia] que não há nada tão difícil que não possa ser sobrepujado pelo esforço. Portanto devia buscar auxílio na firmeza de ânimo, exercitar os companheiros num trabalho contínuo, e assim a beneficência de Deus não falharia ao nosso zelo.

Por isso nos transportamos a uma ilha distanciada dois mil passos do continente. Escolhi este lugar para nossa habitação a fim de tirar dos nossos homens a possibilidade de fuga e mantê-los assim no cumprimento do dever. E porque não havia mulheres suscetíveis de chegar até nós sem os seus maridos, extirpei a ocasião de pecar. Porém acontece que 26 dos mercenários incitados pela cupidez da volúpia conspiraram contra minha vida, mas chegado o dia quando o projeto devia ser executado, a trama foi-me revelada por um dos implicados, no próprio momento, onde estes se preparavam para matar-me. Dêsse modo fugimos ao perigo. Convoquei a cinco de meus domésticos armados e saí contra o adversário: isso incutiu tanto terror e tanta perturbação, que conseguimos pegar sem dificuldades e colocar na cadeia os quatro que me foram indicados como os autores do atentado. Os outros, atemorizados pelo acontecido, abandonaram as armas e dissolveram-se. No dia seguinte libertamos de suas correntes um deles, a fim de que defendesse melhor sua causa, mas ele fugiu numa disparada tóla, e foi precipitar-se no mar, afogando-se. Os demais foram trazidos para defenderem também a sua causa, prêsos, e expuseram pormenorizadamente, sem necessidade de torturas, o que já tínhamos descoberto pelo denunciante. Um desses, que eu tinha castigado algum tempo antes, porque tivera relações com uma prostituta, revelou-se de espírito completamente iníquo; ficou ave-

riguado que êle fôra o iniciador da conjuração, e que tinha aliciado por meio de presentes o pai da prostituta a fim de arrancá-la de nosso poder, se eu tentasse proibirlhe a coabitação com ela; êste foi enforcado para pagar tal crime; aos dois restantes concedemos perdão, mas de modo que êles tinham que lavrar a terra em cadeias; quanto aos demais não quis informar-me de suas faltas para não deixar um crime averiguado sem punição; com efeito, se quisesse castigar com suplício a todos que estavam envolvidos na intentona, não sobrariam bastantes para terminar a obra que empreendemos. Por isso, depois de dissimulada a ofensa feita à minha alma, perdoamos o pecado e mandamos-lhes serem bons, e contudo não nos afastamos dos cuidados de apanhar com a máxima diligência o que cada um tem na mente em função do zelo e da aplicação dêles. E como não os poupasse ao labor, mas os apressasse ao trabalho com a assiduidade da minha presença, não só trancamos o caminho aos seus maus designios, mas dentro de pouco tempo cercamos nossa ilha de fortificações e de obras de defesa solidísimas. Nesse entretempo, segundo a capacidade do meu espírito, não cessava de os impressionar e de os desviar dos vícios e de imbuir suas mentes com a religião cristã, mandando dizer duas vêzes ao dia, pela manhã e à noite, preces públicas; com essas precauções e diligências, mantivemô-los absolutamente tranqüilos o resto do ano.

Porém a chegada de nossos navios nos tirou essa preocupação que acabamos de expor. Daqui, com efeito, obtive homens dos quais não só não devia de modo nenhum preocupar-me, mas aos quais podia confiar a minha vida com tôda a segurança. Aproveitando a oportunidade que assim me era oferecida, escolhi dez homens dentre tôda a colônia e depusitei nas mãos dêles o poder ligado à nossa autoridade decidindo que, de agora em diante, nada se faria que não fôsse sem a deliberação do conselho, tanto que, se eu ordenasse qualquer coisa em prejuízo de alguém essa ordem seria sem efeito e sem valor, se a autoridade e o consentimento do conselho não a ratificassem. Contudo, reservei para mim, isto: que uma sentença uma vez dada, me fôsse permitido conceder graça aos que a supplicassem; assim posso ser útil a todos sem prejudicar a ninguém. Eis aqui os meios pelos quais tenho deliberado conservar, proteger e propagar a nossa dignidade. Acrescentarei o conselho que collocaste em tua carta: é preciso entregar-se à obra com tôda a absorção da alma, a fim de não nos permitirmos qualquer desvio por pequeno que seja. Estou certo que não existe luminar mais santo, nem mais reto, nem mais

sadio. Por isso tivemos o cuidado de ler a tua carta em o nosso senado e de transcrevê-la, depois, nas atas, a fim de que se acontecer de nos afastarmos de nossa linha, a leitura desta nos reconduza do êrro. Nosso Senhor Jesus Cristo queira preservar-te e aos teus colegas de todo o mal: que Ele vos fortifique por meio do Seu espírito, e que prolongue a vossa vida para a obra da Sua Igreja o mais extensamente possível. Queiras repartir com os meus caríssimos e fiéis irmãos Cephás e de La Fleche, as minhas mais numerosas saudações. De Colligny, na França Antártica, na véspera das calendas de Abril (31 de Março) de 1557.

Se escreveres alguma carta a nossa Hera, Renata de França, rogo-te saudá-la com a maior diligência em meu nome.

O teu amicíssimo, muito afeiçoado e de todo coração

Nicolas Villegagnon.

*

1557 (nôvo estilo), 1.º de abril.

Carta dos pastores Chartier e Richier a Calvino para descrever a êste a viagem que fizeram e a chegada dêles à colônia estabelecida por Villegagnon na baía da Guanabara.

Perpetuum Domini favorem fratri precamur.

Nostra conjunctio, charissime frater, qua vinculis Sancti Spiritus // coadunati, in unum Christi corpus coalescimus et vegetamur, nos // adeo familiari consortio jungit, ut longa lataque locorum distantia // que nos corporum praesentia privat, non impediat quin domino // tecum praesentes simus, et persuasum habeamus te vicissim // nostri memoriam habere: ut aut haec tua charitas non // solum conservetur sed in dies magis ac magis crescat, nostro // nunc officio deesse noluimus subjicendo tibi que coelando ea // Dei beneficia quae ab eo copiose admodum accepimus; imo // potius hanc ad te mittimus epistolam, ut et nostri majoris et // gaudii participem te faciamus et simul ejus laudem celebremus // ejusque famam et gloriam ubique divulgare conemur. Impiorum // scelerata vita et incompositi mores, assidue ipsorum in Deum // βλασφημίας, adversariorum Christi in repugnando verbo Dei // pervicacia et rabida maledicentia, insidiae quas ab eis // nobis praeparatas multi profitebantur, (earum tamen effectum nunquam Deus nobis ostendit) alia pericula viae, maris procellae et // quae illic contigerunt incommoda, maximam nobis

dederunt occasionem // tristitiae. Verum inter tot vitae nostrae discrimina eam quam de // Dei opt. max. erga nos favore spem conceperamus, sensimus // in nobis confirmari, cum antiquam ejus nos paternam clementiam ad memoriam revocantes experiebamur eum tunc // stari promissis et nobis favere cum maxime opus esset, // nosque in periculorum profundo lacu minime derelinquere. Cum // enim ad eum locum pervenissemus, in quo is erat, qui partim // sua autoritate, partim consilio, partim sumptibus (quantum ei // licet) hujus ecclesiae primordiae curat, qui et hujus nostri // instituti dominus et caput est, in Gallia multa nobis resolvenda // fuerunt, in quibus sapientia divina clarissime apparuit. Alia // praeterea illic gesta sunt, verum talia quae nos consolari potius // quam tristitia afficere deberent, praesertim cum videremus multos // verbi Dei cupidos et ea quae nobis necessaria essent polliceretur // quantum prestare poterat tum ad libros emendos, tum ad vestimenta // comparanda, tum ad itineris sumptus faciendos. Cum autem // pervenissemus Lutetiam ecclesiam Christi illic congregatam // optime verbo Dei comperimus, unde maxime // sumus consolati, videntes adimpleri Davidis vaticinium quo // praevidebat Christi regnum in medio inimicorum suorum stabile // fore, quod te nostris ad te literis tam intellexisse confidentes pluribus verbis non prosequemur. Peracto // Lutetiae enim nostro negotio appulimus portum maris, // vulgo appellatum Honnefleury die autem novembris 19. Ingressi // sumus naves quarum ministerio huc usque tandem pervenimus hancque // insulam quam appellant de Coulogny introivimus die 7 Martii. // Ubi coelitus nobis paratum invenimus et patrem // fratrem Nicolaum // Villagaignonem: Patrem dico quia nos ut filios amplectitur, alit, // et fovet; fratrem vero quia nobiscum unitum patrem coelestem // Deum invocat, ipsum Christum solum esse Dei et hominum mediatorem // credit, in ejus justitia se coram Deo justum esse non dubitat, // Spiritus Sancti interno motu apud se ipsum experitur se vere // membrum Christi esse, cujus Dei testimonia non pauca vidimus. // Delectatur enim verbo Dei, cui ne doctorum quidem antiquorum dogmata quamvis a multis sacra videantur, praeferre instituit: Carius // certe judicium hoc vix admittit, quando quidem antiquitas apud eum // multum potest, eoque tamen pervenit, ut animum suum sancto // puroque Dei verbo regi sinat. Honestae et prudenter familiae suae praestant quae illius ecclesiae speciem praeferre videtur quam // in domo sua saepebant Pristilla et Aquilla; aut illius quae // apud Nympham erat, quo fit ut speremus breve futurum ut inde prodeant amplissimae ecclesiae quae

laudem Dei // celebrent et Christi regnum augeant. Is enim optimum syncere // veroque Christianae religionis exemplar et dux se ipsum praebuit, // tum in audiendis publicis concionibus et orationibus, quibus aderant // et omnes ejus domestici, tum in percipienda sacra coena Christi, // quam avidissime et religiosissime exceptit. Priusquam autem ad hoc coeleste convivium accederet, publicam fidei suae confessionem // clara voce protulit, et Salomonem imitatus, locum in quo eramus // congregati precibus Deo se dicere declaravit seque et sua omnia // ad ejus gloriam propagandam parata esse professus est. Sed // ne hystoriam texere potius quam te nostrarum rerum certiore // facere videamur, reliquorum narrationem tabellario familiarissime // tibi cognito relinquentes, a quo privatis colloquutionibus // quaecumque nobis acciderunt poteris intelligere, scriptis nostris // finem imponemus, modo te rogaverimus ut tuas preces in // conspectu Dei effundas, quo perficiat Christi aedificium quod // in his terrae finibus inchoatum est, et admoneas omnes quos Deum // timere et ex animo venerari cognoscis, ut idem tecum agant. // Hec autem Eleutheropoli cui te ministrum Evangelii praeposuit tam // absolutum precamur ut conservet, foveat, in tranquillo et // parato statu retineat, simulque suas ecclesias ubique sua // paterna clementia congregatas fortitudine muniat. // Collegas tuos omnes saluta, si lubet, nostro nomine: nominatim autem Nicolaum Galazium, P. Viretum et Theodorum Bezam. Insulae Couligniensi quae prima Francorum excolta fuit habitatio in // antartica Gallia. Cal. aprilis, anno Domini 1556.

Tui fratres quos Evangelii ministros esse // insisti.
G. Charterius tuus
in Christo.

Richerius tuus
in Christo.

*

Carta escrita da França Antártica pelos pastores Chartier e Richier, ao Rev. João Calvino, a 1.º de abril de 1557 (nôvo estilo).

Rogamos o perpétuo favor do Senhor para o irmão. Nossa reunião, caríssimo irmão, pela qual congregados pelos vínculos do Espírito Santo, nos fortalecemos e vivemos no corpo único de Cristo, nos liga em consórcio tão familiar que a imensa distância, embora nos prive da presença corporal, entretanto não impede que estejamos contigo no Senhor, e estamos certos que de tua parte conservas lembrança de nós: a fim de que êsse amor

não só seja conservado, mas cresça cada dia mais, não queremos faltar agora ao nosso dever ocultando-te os benefícios que recebemos em abundância de Deus; por isso mandamos-te esta carta para participar-te da nossa maior alegria, celebrar ao mesmo tempo o louvor de Deus e esforçarmo-nos em divulgar por tôda a parte a fama e a glória d'Este. A vida criminosa e os costumes dissolutos dos ímpios, as blasfêmias freqüentes dos mesmos contra Deus, a maledicência obstinada e furiosa dos adversários de Cristo, que os leva a repugnar a palavra de Deus, as insídias que muitos confessam ter sido preparadas contra nós (contudo Deus nunca permitiu que elas produzissem efeito), outros perigos da viagem, as tempestades do mar e os inconvenientes que aconteceram no seu decurso, todos êles nos deram maiores oportunidades de tristeza. Mas, entre os muitos perigos de nossa vida, sentimos confirmar-se em nós a esperança que tínhamos concebido decorrente do favor de Deus todo-poderoso, quando trazendo à memória a antiga clemência de Deus a nosso favor, experimentamos que Êste cumpre as Suas promessas e nos favorece quando precisamos mais, e de modo nenhum nos deixa no profundo lago dos perigos. Com efeito, antes de chegarmos a êste lugar, em que êsse homem estava cuidando da igreja que acaba de ser fundada, em parte por sua autoridade, em parte por sua determinação, em parte por seus gastos (na medida em que isso lhe era permitido), êsse homem que é senhor e cabeça dêste nosso estabelecimento, houve muitas coisas que tivemos de resolver na Gália, nas quais a sabedoria divina aparece claramente. Além disso, outras coisas foram feitas lá, mas tais, que nos proporcionaram mais consolação do que tristeza, sobretudo quando vimos muita gente ávida da palavra de Deus, oferecendo-nos as coisas que nos eram necessárias na medida em que podiam fornecê-las, seja para comprar livros, seja para adquirir vestimentas, seja para cobrir os gastos da viagem. Quando chegamos a Lutécia [Paris], achamos a igreja de Cristo reunida aí para ouvir a palavra de Deus, e por isto fomos consolados ao máximo vendo realizar-se a profecia de Davi onde previa que o reino de Cristo seria estável no meio dos Seus inimigos, e porque sabemos que tu já sabes disso pelas nossas cartas mandadas anteriormente, não acrescentamos outras palavras. Uma vez concluídos nossos negócios em Lutécia, nos encaminhamos ao pôrto marítimo vulgarmente denominado Honnefleur [Honfleur], onde chegamos a 19 de novembro. Entramos nos navios que nos permitiram afinal atingir êste lugar longínquo, e no dia 7 de março entramos nesta ilha que chamam Colligny. Aí encontramos disposto pelo Céu a acolher-nos como pai e

como irmão, Nicolau Villegaignon: digo pai, porque nos abraça, nos nutre e nos favorece, como se fôssemos seus filhos; e digo irmão, porque invoca juntamente conosco o Pai celeste; crê que Cristo é o único mediador entre Deus e os homens; não duvida em ser achado justo diante da justiça de Deus; êle mesmo sentê-se verdadeiramente membro de Cristo por impulso interno do Espírito Santo, e dêste fato vimos muitos testemunhos. Ele deleita-se na palavra de Deus, e confessa que a prefere a todos os dogmas dos antigos doutores, ainda que pareçam sagrados para muitos: e tanto mais precioso é o facto de admitir êste juízo certo, desde que a antigüidade tem grande poder sôbre êle, e [todavia] chegou até êste ponto de consentir que o seu espírito seja dirigido pela palavra santa e pura de Deus. Êle dirige de maneira honesta e prudente a sua comunidade, que parece oferecer o aspecto da igreja que Priscila e Áquila sabiam manter na casa dêles; ou daquela igreja que existia na casa de Nínfa, e por isso podemos esperar em breve que surjam da mesma numerosas igrejas para celebrar o louvor de Deus e aumentar o reino de Cristo. Com efeito, êste homem, de maneira perfeita, sincera e verdadeira, se oferece êle próprio como modêlo da religião cristã e como chefe, seja ouvindo em público pregações e preces, às quais todos os seus familiares estão presentes, seja participando da Santa Ceia de Cristo, que recebe com a máxima religiosidade. Antes de aproximar-se para êste convívio celeste, fêz em alta voz a confissão pública de sua fé, e imitando Salomão declarou que consagrava a Deus o lugar onde nos achávamos reunidos, e fêz profissão que êle e todos os seus bens estavam prontos para propagar a glória d'êste. Mas para não tecer uma história em vez de dar-te conhecimento dos nossos afazeres, deixamos a narração dos outros fatos ao portador desta carta, que tu conheces intimamente, e com quem, em conversas privadas, poderás saber tôdas as coisas que nos aconteceram. Poremos fim aqui, à nossa carta, depois de te havermos rogado que faças as tuas preces perante Deus, para que se complete o edificio de Cristo que foi começado nestes confins da terra, e que admoestes a todos que conheces a fim de que temam a Deus e O venerem de todo o ânimo, o que os levará a proceder de igual modo para contigo. Oramos a Deus para conservar, favorecer e manter em estado tranqüillo e bem disposta essa Cidade da Liberdade (**Eleutheropolis**) na qual Êle te colocou como ministro do Evangelho com poderes tão absolutos e, de igual modo, oramos que Êle fortifique a coragem de suas igrejas reunidas por tôda a parte pela Sua clemência paternal. Sauda, se quizeres, em nosso nome,

a todos os teus colegas: particularmente a Nicolau Galais, P. Viret e Teodoro de Beza. Da ilha de Coligny, que foi o primeiro lugar habitado e cultivado por franceses na Gália Antártica. Datado das calendas de abril [1.º de abril], do ano de Nosso Senhor de 1556.

Teus irmãos que insistem em ser ministros do Evangelho.

G. Chartier, em Cristo.

Richier, em Cristo (*).

(*) — O presente trabalho de tradução foi efetuado em colaboração pelos professores Yves Bruand, lente de Metodologia histórica e Paleografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Departamento de História), e José Gonçalves Salvador, lente de História da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, em São Paulo.

me fidei defuit = gestis, de omni malo, sed tuncq; religiose precepit.
Nobis sic vos confitemur, utique vobis de opus ecclesie sua
quod concessum vobis prodigat. fratres ad meo concessum corpe
de de la fere fratribus, vobis plerumq; nulli vobis vobis
imp. Sicut. Colonia a fancia Antantia prid. val. April 1557.

Si ad thesauri fancia thesauri thesauri, quocumq; libere
vobis. Hinc quod meo, nomine concessum fancia

Am. concessum, vobis. Sicut, de de fancia

Nc

Fig. 4. — Carta de Villegagnon a Calvino (4a. e última fôlha).

quam audissimè et religiosissimè accepit. Quibusque in his
de hoc celestis conuiu accedens, publicam. fidei sue confessionem
clara voce profatur, a Solomonem Amabat, totumque quod erant
congregati presentibus et sic dicere declaravit seque et sua omnia
de eius gloriam propagandam parata esse professus est. Sed
in hystoriam legitur potius quam te nostram. Peru rethoriam
facere videmus. Poliquorum narratione tabellario familiarissimè
sibi legitur Reliquentes, et quo quatuor Adlogutionibus
quatuor, nobis conditum potius Intellectus, simpliciter post
fines Inventionis, modo te Regnumque ut tuas proinde
conspicere et effundat, quo perficiat Christus adfuerit quod
deus terre factus Inventionis est, a demerit ad quod et
Amari et te suo ducere cognoscit, ut idem tunc agat.
Vixit Constantinopoli in te minister Evangelii prope in
aqueductum proamur ut consueti, fonsque, in transgisse et
parato stabu Petreus, simulque suas ecclesias ubique sua
paterna clementia congregatas celesti fortitudine memora
Collegas tuas comes saluta, et labor, in noni: Romanam
autem inuolam Galatam, et victu a Chidoro Regem Insula
consequens et que prima francorum incolta fuit habitatio in
Antariorum Ecclesia. Cal. Aprilis Anno Domini 1556

In fides quod Evangelii minister esse
Iussit

C. Charierus Tuus
et C. Griffo

R. Richierus Tuus
In Christo

Fig. 7. — Carta dos pastores Charier e Richier a Calvino (3a. e última fôlha).